



O Terror: análise dos processos tradutores na Letra e no Videoclipe de *Thriller*¹

Murilo VIANA²

Marcello HOLANDA³

Saulo LUCAS⁴

Osmar GONÇALVES⁵

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

RESUMO

O presente trabalho visa à análise dos processos de tradução intersemiótica do videoclipe *Thriller*, de Michael Jackson, baseada principalmente nos conceitos apresentados por Julio Plaza (2003). A metodologia consiste tanto na análise do material enquanto produto audiovisual, como também nos processos intersemióticos de produção do sentido de terror, observados na letra da música e nos recursos audiovisuais observados no videoclipe. Considerado um marco no gênero, o videoclipe *Thriller* dialoga com elementos tanto musicais como do cinema.

Palavras-chave: Thriller; Tradução Intersemiótica; Videoclipe; Terror.

Introdução

Numa época em que é quase impossível se pensar em música sem ela esteja associada a imagens, os videoclipes assumem importante lugar entre os meios de comunicação na atualidade. Segundo Arlindo Machado (2000), esses pequenos produtos audiovisuais não são mais meras peças publicitárias utilizadas para promover a venda de discos: trata-se de espaços abertos à liberdade inventiva, de lugares de experimentação, os quais nos remetem ao cinema de vanguarda dos anos 1920, ao cinema experimental dos anos 1950 e 1960 e à videoarte dos anos 1960 e 1970.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Estudante de graduação do 7º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: murilovianafilho@gmail.com.

³ Estudante de graduação do 7º semestre do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: marcelloholanda@gmail.com.

⁴ Estudante de graduação do 6º semestre de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: sauloluk@gmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor adjunto do curso do Instituto de Comunicação e Arte da Universidade Federal do Ceará (UFC).



A peça audiovisual de *Thriller* (1983), do cantor norte-americano Michael Jackson, configura-se como uma obra extremamente inovadora, a qual explora elementos que ainda hoje são referências para as criações do gênero. Com direção do cineasta John Landis, o videoclipe é um curta-metragem no qual o diálogo é a música e para onde a plasticidade dos musicas foi remontada.

A superprodução de *Thriller* é, portanto, um híbrido de diversas linguagens. Letra, melodia e efeitos visuais se reúnem para produzir um sentido geral: o terror. E para que isso aconteça, a produção utiliza variados tipos de dispositivos sígnicos a fim de explorar o imaginário dos seus receptores.

Tomando como base os pressupostos teóricos de tradução intersemiótica, o presente trabalho pretende analisar o videoclipe *Thriller*, no tocante ao seu formato enquanto gênero audiovisual, e, por conseguinte, desenvolver uma análise comparativa entre o recurso audiovisual e a respectiva letra da música, de autoria de Rod Temperton, visando explorar a ideia de terror que é construída a partir de ambos.

1. *Thriller* e a revolução do videoclipe

Segundo Machado (2000), do ponto de vista prático, o videoclipe é um formato enxuto e concentrado, de curta duração, de custos relativamente modestos se comparados aos filmes ou programas de televisão, e com um amplo potencial de distribuição.

Antes, o videoclipe era feito de forma simples, sem muitas ideias originais ou criativas. Constituía-se, de um modo geral, da banda ou do cantor cantando e tocando para a câmera, em um plano simples e muitas vezes no mesmo cenário, sempre voltado para o público adolescente. Até que começaram a entrar no ramo do videoclipe mentes menos conformistas, trazendo referências de obras de arte de diversos setores, como a pintura, a fotografia, o teatro, o cinema e os musicais, de modo que hoje “alguns videoclipes são assumidamente construções poéticas na melhor tradição da videoarte.” (MACHADO, 2000, p.175).

Segundo o autor, de uma produção sem grandes aspirações artísticas, o videoclipe passou a ser um produto onde o mais importante não é mais a permanente imagem do cantor ou banda no vídeo, onde se pode mudar a velocidade do tempo, exaltam-se paisagens, usa-se de tipografia, efeitos especiais, câmeras tremidas, imagens sujas, descontinuidade e diversas técnicas.



O videoclipe deixou de ser somente uma simples propaganda e exposição da imagem do cantor e passou a ser algo mais conceitual, dando espaço para algo inspirado em diversas fontes artísticas, exaltando o potencial poético da canção. Assim, pode ser “muito útil observar como o clipe esta evoluindo de um mero advento figurativo à música, para uma estrutura motovisual que é, ela também, em essência, de natureza musical” (MACHADO, 2000, p.178). O videoclipe saiu de uma posição de coadjuvante para fazer parte do processo de criação do álbum. Agora, musica e imagem são concebidas em conjunto.

Machado (2000) classifica o videoclipe em três categorias: a primeira, na qual o vídeo é uma mera ilustração da música e não se aprofunda sob a justificativa de não ser importante; a segunda traria uma junção de profissionais do cinema e de vídeos amadores com os músicos e intérpretes, colaborando com a reinvenção do audiovisual; já na terceira categoria, o autor fala sobre o talento audiovisual que alguns músicos possuíam, os quais além de fazer a parte musical, se encarregavam também da parte visual do vídeo. O autor se refere a uma forma audiovisual plena e autossuficiente, capaz de dar uma resposta mais moderna à busca secular de uma perfeita síntese da imagem e do som.

Esse terceiro grupo é composto de outro tipo de realizadores: são, em geral, músicos que, além de dar conta de toda a tarefa da composição e interpretação de suas peças musicais, enfrentam também eles próprios a concepção visual do clip. Um fenômeno digno de menção do universo da cultura pop é o surgimento de uma geração de músicos dotados com talento para o audiovisual. (MACHADO, 2000, p. 182).

É na terceira categoria proposta pelo autor que podemos enquadrar o videoclipe *Thriller*, que foi escrito, produzido, coreografado e estrelado pelo cantor Michael Jackson. Segundo Taraborrelli (2009), a iniciativa do vídeo, bem como a escolha da equipe, como o diretor, maquiador, figurinista entre outros, assim também como criação do conceito visual e coreografia partiram do próprio cantor do clipe: Michael Jackson. O autor ainda afirma que, até os anos 1980, essa forma de fazer videoclipe era algo novo e ainda não testado, as produtoras não queriam investir tanto dinheiro na produção de um videoclipe, principalmente em um formato totalmente novo, com a estrutura de um curta-metragem. Isso era algo visto como arriscado e desnecessário para um álbum que já estava vendendo muito bem.



Segundo Plaza (2003), porém, os artistas não operam de maneira arbitrária, em circunstâncias escolhidas por eles mesmos, mas nas circunstâncias com que se encontram na sua época, determinadas pelos fatos e as tradições. Assim, podemos citar obras que Jackson usou como referências para o processo criativo do videoclipe *Thriller*. Como exemplo, temos o filme *Um lobisomem americano em Londres* (1981), com roteiro e direção de John Landis, o mesmo que foi chamado para dirigir o videoclipe. “Michael teria ficado tão impressionado com o filme de horror-fantasia ‘Um lobisomem americano em Londres’ que tinha contratado John Landis como diretor de seu clipe para *Thriller*” (TARABORRELLI, 2009, p. 267). Tanto o filme como o videoclipe são voltados para o público adolescente por usarem em ambos a transformação para lobisomem como uma metáfora para a transformação que um jovem passa no período da adolescência.

Segundo Taraborelli (2009), Michael Jackson resolveu bancar o custo da produção do videoclipe, que fechou em pouco mais de 1 milhão de dólares, um valor bastante alto para o ano de 1983. Para se ter uma ideia, os videoclipes mais caros da época, segundo o autor, tinham orçamento em torno de 25 mil dólares. *Thriller* foi o vídeo de música mais vendido de toda a história.

2. A letra e o videoclipe de *Thriller*

A letra da música *Thriller* fala da imensa fascinação de Michael Jackson pelo sinistro e sobrenatural. Segundo Taraborelli (2009), essa é uma típica composição de Rod Temperton: melódica, com frases marcantes que ficam se repetindo na cabeça. A letra inclui excitação e intriga, e termina com um rap magistral de Vicent Price, o mestre do macabro.

O videoclipe *Thriller* começa com uma nota de Michael Jackson que diz o seguinte: “Em função de minhas fortes convicções pessoais, quero enfatizar que este filme de forma alguma endossa uma crença no oculto.” Em seguida aparece “Michael Jackson - *Thriller*” na cor vermelha em uma textura que lembra sangue, com um som de fundo de respiração ofegante.

Em seguida, entra uma cena em que Michael e sua namorada estão em um carro que esta parando no meio de uma estrada deserta a noite. Eles vestem roupas que remetem a década de 50. Michael diz que esta sem gasolina, e sua namorada finge



acreditar e pergunta o que eles vão fazer agora. Eles saem do carro e começam a caminhar.

De repente, sua namorada o para e se desculpa por ter duvidado dele. Michael diz que precisa lhe contar algo e ela pergunta o que é. Michael então pergunta se ela gosta dele, ela diz que sim. Ele diz que espera que ela goste dele também e pergunta se ela quer ser sua garota oficialmente. Ela então diz: “Oh Michael”. E se abraçam. Ele coloca uma anel de compromisso no dedo dela.

Ele então muda para uma expressão de aflição e ansiedade e começa a dizer que tem mais algo a falar. Entra um fundo musical de suspense. Ele diz que não é como os outros caras. Ela rebate dizendo já saber e é por isso que o ama. Ele insiste dizendo que é diferente. Ela pergunta inocentemente do que ele esta falando. O vídeo mostra a lua que até então estava encoberta pelas nuvens, com um fundo musical mais tenso. Michael começa a passar mal e se curva. Sua namorada pergunta se ele esta bem e então a câmera foca no rosto de Michael que esta com os olhos amarelos e arregalados gritando com uma voz demoníaca para ela ir embora. Ela grita e sai correndo desesperada pela floresta. Michael começa a se transformar em um lobisomem, mostrando toda sua metamorfose. Ela corre pela floresta e ele vai atrás dela, quebrando arvores e uivando. De repente, ele pula em cima dela e ela cai, ficando refém da criatura.

A cena é cortada para outra em uma sala de cinema, onde estão os dois, agora, sentados, com roupas do anos 80. Michael esta sorrindo despreocupado e comendo pipoca, enquanto sua namorada está apavorada com o filme. Ela pede para sair do cinema. Ele diz que está gostando do filme, mas ela diz que não pode assistir aquilo e sai. Ele, então, segue-a e a encontra na entrada do cinema onde começa a tocar a música *Thriller*. Ele sorri dizendo que é só um filme e ela diz que não achou engraçado. Ele pergunta se ela se assustou e ela diz que nao, mas ele não acredita. Ela sai caminhando e, de maneira coreografada, ele vai atrás dela. Michael, então, começa a cantar a musica.

3. O que é Tradução Intersemiótica?

Jakobson (1999), em se tratando de tradução intersemiótica, foi o primeiro a



definir essa categoria de tradução. Ele nos mostra três formas de interpretar o signo verbal:

(...) 1) A tradução intralingual ou reformulação (rewording) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua. 2) A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua. 3) A tradução inter-semiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais (JAKOBSON, 1999, p.64-65).

O pensamento do autor permite-nos traçarmos uma relação com o propósito deste artigo. Ao pensarmos a letra e o videoclipe que *Thriller*, pretendemos utilizar a ótica da tradução inter-semiótica entre a primeira, dotada de signos verbais, e o segundo, dotada de signos não-verbais de modo a estabelecer a construção de novos significados para a ideia de terror em ambas.

De acordo com Plaza (2003), tradução inter-semiótica é um processo que parte de uma obra já existente, sendo uma forma de continuidade dela própria.

“(...) todos os fenômenos de interação semiótica entre as diversas linguagens, a colagem, a montagem, a interferência as apropriações, intergrações, fusões e fluxos interlinguagens dizem respeito às relações tradutoras inter-semióticas, mas não se confundem com elas.(...) o fenômeno da TI estaria na linha de continuidade desses processos artísticos, distinguindo-se deles, porém, pela a tividade intencional e explícita da tradução” (PLAZA, 2003. p.12)

Plaza (2003) ainda refere-se à tradução como um processo que não se relaciona com um ideal de fidelidade, mas sim de poética, criação recíproca. Tradução não é a busca da cópia do original, e sim uma prática criativa e crítica de acordo com o caráter histórico do meio de produção e reprodução. É uma leitura, uma criação em torno do original “como leitura, como metacriação, como ação sobre estruturas-eventos, como diálogos de signos, como síntese e reescritura da história. Quer dizer: como pensamento em signos, como trânsito de sentidos, como transcrição de formas na historicidade.” (PLAZA, 2003, p.14)

Benjamin (2008) também nos faz refletir sobre o caráter criativo da tradução. Nesse sentido, a tradução não busca um apego literal ao que a obra propõe, tendo em vista que a própria intenção do autor da obra é dotada de um caráter subjetivo, atrelado aos “modos de querer dizer” existentes em uma palavra. Assim, a tradução deve



propor-se a buscar obra traduzida a partir de seu significado poético frente à exigência de apreensão do significado literal das palavras.

(...) do mesmo modo que, se quisermos juntar de novo os cacos de um vaso, estes tem de corresponder uns aos outros, sem serem todavia necessariamente iguais quanto às suas ínfimas particularidades, também a tradução, em vez de imitar o original para se aparentar a ele, deve insinuar-se com amor nas mais ínfimas particularidades tanto dos modos do “querer dizer” original como na sua própria língua, isto de maneira a juntá-las como se fossem cacos de um vaso, para que depois de as juntar elas nos deixem reconhecer uma língua mais ampla, que as abranja a ambas (BENJAMIN, 2008, p.38).

4. Tradução intersemiótica da ideia de terror entre a letra da música e o videoclipe

Diferente da canção, onde os versos são intercalados por refrões, no videoclipe, Michael Jackson canta os dois versos seguidos, que são:

É quase meia-noite
E algo maligno está te espreitando no escuro
Sob a luz da lua
Você tem uma visão que quase pára o seu coração
Você tenta gritar
Mas o terror toma o som antes de você fazê-lo
Você começa a congelar
Enquanto o horror te olha bem nos seus olhos
Você está paralisado!

Você escuta a porta bater
E percebe que não há para onde correr
Você sente uma mão fria
E pensa se ainda vai ver o sol
Você fecha os olhos
E espera que seja tudo imaginação
Garota, enquanto isso
Você escuta a criatura rastejando atrás
Você está sem tempo”

Na letra da canção, podemos perceber a intenção predominantemente assustadora do interlocutor na mensagem que é direcionada a uma garota. A ideia ressaltada é de que não há como escapar da situação aterrorizante, maligna. Por mais que a garota feche os olhos e espere que a situação seja apenas fruto de sua própria imaginação fértil, o terror, nos dois últimos versos, revela-se real e não há mais escapatória: “Você escuta a criatura rastejando atrás. Você está sem tempo”. Todo o significado de medo e terror é proposto através da transmissão de sentidos entre o

interlocutor da letra e a garota, sem obedecer, no entanto, a uma estrutura narrativa que se prolongue por um determinado tempo. Na letra, toda as situações aterrorizantes estão acontecendo ao mesmo tempo, de modo que não podemos determinar em qual momento uma ação aterrorizante se encerra e a outra começa.

No videoclipe (00:04:43), a parte em que este trecho da música é cantada por Michael Jackson é retratada com um cenário todo em tons frios, com névoas e iluminação fraca. A roupa da namorada é azul, mas Michael veste uma roupa toda vermelha em tom de sangue, bastante evidenciada no contrastes com o resto das cores do videoclipe, com tons mais sóbrios e escuros.

O cenário por onde caminham transmite a ideia de medo e insegurança e remete a um subúrbio deserto à noite. Assim, podemos perceber que o cenário proposto favorece à ideia do medo e do terror. Porém, nas imagens do vídeo, Michael canta o trecho da letra fazendo alguns passos cômicos e fazendo sua namorada rir. Ela parece bem a vontade e caminha tranquilamente. Tudo parece que é só uma brincadeira, uma lenda de terror que se conta para assustar crianças.



Figura 1: Cena de *Thriller*. Fonte: *Thriller*. Direção: John Landis.
Produção: George Folsey Jr., Michael Jackson, John Landis.
Roteiro: John Landis, Michael Jackson. 1983.

A partir daqui, já podemos perceber que a ideia de terror proposta pela letra assume um novo significado, de acordo com os diversos elementos da dança e do cinema no videoclipe. A dança como forma expressiva do corpo de Michael Jackson, a narratividade da história, que remete à estrutura de um curta-metragem e as diversas composições cenográficas, ao estarem juntas, nos remetem ao que Plaza (2003) afirma sobre a posição da arte hoje, situada em um contexto de hibridização de linguagens.

No movimento constante de superposição de tecnologias sobre tecnologias,



temos vários efeitos, sendo um deles a hibridização de meios, códigos e linguagens que se justapõem e combinam, produzindo a Intermídia e a Multimídia. O emprego de suportes do presente implica uma consciência desse presente (PLAZA, 2003, p.13).

Na continuação da narrativa do videoclipe, logo apos o momento em que o casal passa de um cemitério (00:06:26), entra o rap macabro de Vicent Price. A letra do rap é a seguinte:

A escuridão cai sobre a terra
A meia noite está próxima
Criaturas rastejam em busca de sangue
Para aterrorizar a vizinhança
E todos que forem achados
Sem a alma no corpo
Deve ficar e enfrentar os cães do inferno
E apodrecer dentro de uma casca de cadáver
Eu vou te aterrorizar esta noite
(Terror, terror)
Eu vou te aterrorizar esta noite
(Noite de terror, terror)
Eu vou te aterrorizar esta noite
Ooh, baby, eu vou te aterrorizar esta noite
Noite de terror, querida

O cheiro mais sujo está no ar
O odor de quarenta mil anos
E sarcófagos velhos de cada túmulo
Estão se fechando para selar seu destino
E apesar de você lutar para permanecer vivo
Seu corpo começa a tremer
Nenhum mero mortal pode resistir
o mal do terror

Na canção, o rap é a última parte cantada, já no videoclipe, está no meio. Durante o rap, a cena é no cemitério e mostra mortos-vivos saindo de suas tumbas. A figura do zumbi surge, portanto, como uma quebra narrativa, como um elemento que se distancia do real e mexe com o imaginário. Segundo Nazário (*apud* LUIZ, 2012, pg. 9), “na reanimação, não sendo o mesmo que a ressurreição, o cadáver reanimado não volta plenamente à vida, mantendo fortes ligações com a morte. Sua aparência decomposta é o signo externo desses laços secretos”.



Nessa parte, a letra da música traduz uma relação mais fiel às imagens mostradas no vídeo. É como se aquela brincadeira das imagens que traduziam os versos da música estivessem, agora, assumindo um tom mais sério, como se não fosse tão fantasioso assim. Entra a dúvida em questão: então não era só uma brincadeira tudo que Michael dizia à namorada?

A música então para, e o casal de namorados se ver rodeado por uma legião de zumbis. A namorada olha assustada ao redor, e, então, quando se volta para Michael, percebe que ele está com um aspecto assustador, olhos fundos, pele azulada, semelhante ao das criaturas. Michael então começa a dançar com os zumbis. Nesse momento, não há letra, só instrumental sincronizado com uma coreografia vigorosa.

No momento do refrão:

Porque isso é terror
Noite de terror
E ninguém vai te salvar
Da fera pronta para atacar
Você sabe que é terror
Noite de terror
Você está lutando por sua vida
Numa noite assassina
de terror

A letra, analisada isoladamente, continua a remeter à proposta de terror evocada pelo interlocutor e à impossibilidade de que ele escape da noite assassina de terror. O significado proposto pela letra tem a intenção de provocar medo diante da inevitabilidade da morte frente à “fera pronta para atacar”. O sentido, de um modo geral, é de tenebrosidade.

Para cantar o refrão, Michael volta a ter seu rosto normal, porém continua comandando a dança coreografada com seus companheiros macabros, como se fosse o mestre. No entanto, a dança de Michael e as criaturas tenebrosas provocam uma quebra do sentido proposto pela letra do refrão. Se a ideia proposta pela letra assume a questão da inevitabilidade frente ao terror, os passos de Michael e seus companheiros zumbis dão um significado mais descontraído à letra, assumindo, até certo ponto, um teor cômico, causado pelo fato inesperado de zumbis estarem dançando. É possível observarmos, então, que o significado de terror, à princípio carregado pelos zumbis e pela letra da música, é traduzido para a linguagem do videoclipe com um novo sentido.



Figura 2: Cena de *Thriller*. Fonte: *Thriller* (1983). Direção: John Landis. Produção: George Folsey Jr., Michael Jackson, John Landis. Roteiro: John Landis, Michael Jackson. 1983.

Na sequência do videoclipe, o refrão encerra-se bruscamente. O fim da letra quebra, mais uma vez, o significado do videoclipe. As criaturas voltam à postura inicial e param de dançar. Michael volta a ter o tom sombrio em sua face e se assemelha as outras criaturas. O significado de terror volta a predominar na estrutura do clipe. A música para, e entra uma trilha sonora típica de filme de terror. A namorada corre, então, para uma casa abandonada a fim de se proteger das criaturas e de Michael, que agora também persegue-a.

A casa é invadida por todos os lados, janelas, portas, piso. Ela se vê encurralada, a câmera foca na expressão de terror dos seus olhos. Michael chega cada vez mais perto com sua legião de criaturas. No momento em que ele vai tocá-la, ela acorda gritando de um sonho. Michael está, então, sozinho em uma sala tranquila e iluminada, perguntando qual é o problema e dizendo, em seguida, que a leva pra casa. Ele a abraça e saem de costas para a câmera. No momento final, Michael vira o rosto para a câmera e revela os olhos amarelos e arregalados unidos a um sorriso que deixa a expressão macabra. A cena congela e a câmera aproxima-se de Michael ao som da risada macabra de Vicent Price.

Conclusão



Ao observarmos o significado da arte, é inimaginável que o separemos das formas materiais sob as quais são produzidas. Isso é particularmente importante quando tratamos de tradução intersemiótica, tendo em vista que o tradutor está situando dentro de um contexto de preferências e possibilidades de várias alternativas de suportes, códigos, formas e convenções. Assim, é possível observar que o processo tradutor intersemiótico “sofre a influência dos suportes e meios empregados, pois que neles estão embutidos tanto a história quanto seus procedimentos.” (PLAZA, 2003, p.10).

Desta forma, podemos perceber que o videoclipe *Thriller* e o processo tradutor intersemiótico construído em relação letra da música de mesmo nome evidencia a influência do suporte videoclipe e o seu caráter inovador. Tal característica é constituída pelo caráter narrativo de curta-metragem musical e pelo terror cinematográfico presentes no videoclipe.

A letra e o videoclipe de *Thriller* propõem-se, portanto, a serem um processo de tradução intersemiótica que envolve o caráter criativo e crítico de seu principal mentor: o cantor Michael Jackson. A letra da música renova-se e ganha novos significados com o videoclipe e vice-versa, assumindo muito mais a característica de uma construção poética de videoarte, como propõe Machado (2002), do que uma tentativa de manter fidelidade à originalidade da letra, o que nos remete à Benjamin (2008) ao afirmar que as traduções propõem-se a serem algo além de meras intermediárias de sentidos. “A vida da obra original chega até às traduções constantemente renovada e com um desenvolvimento cada vez mais amplo e recente” (BENJAMIN, 2008, p.28).

Assim, a tradução entre a letra e o videoclipe podem ser vistas como uma forma de prolongamento e renovação da obra *Thriller*, de modo a perpetuá-la em sentido renovado e propor um novo significado para o próprio conceito de videoclipe que, a partir de *Thriller*, nunca foi mais o mesmo, de modo que até hoje percebemos a existência de videoclipes que incluem elementos cinematográficos e incorporam uma estrutura narrativa em sua construção.



Referências Bibliográficas

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério** - São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000. P. 173-196

BRANCO, Lucia Castello (Org.). **Atarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

TAMBORRELLI, J. Randy. **Michael Jackson: A magia e a loucura**. São Paulo: Globo, 2009.

PLAZA, Júlio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1999.

Disponível em:

<http://books.google.com.br/books?id=0VOzvkh7tYC&pg=PA63&dq=%22Ling%C3%BC%C3%ADstica+e+comunica%C3%A7%C3%A3o%22&source=gbs_toc_r&cad=5>.

Acesso em: 31 jan. 2013.

LUIZ, Tiago Marques. **A Ficção e a Realidade em Thriller, de Michael Jackson**. Revista Temática, Ano VIII, n. 10, 2012. 17 p.